

“ELES SE AMAM DE QUALQUER MANEIRA”: A SEMANA ARCO-ÍRIS NO IFRN/CAMPUS MOSSORÓ

“THEY LOVE EACH OTHER ANYWAY”: RAINBOW WEEK AT IFRN/CAMPUS MOSSORÓ

Katamara Medeiros Tavares Melo **1**
Francisco das Chagas Silva Souza **2**
Verônica Maria de Araújo Pontes **3**

Professora do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mestra em Ensino (UERN/IFRN/UFERSA) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde (UECE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4513160515186686>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2533-9978>.
E-mail: katamaratavares@uern.br

Doutor em Educação (UFRN), Pós-Doutor em Educação (UFF) e docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Mossoró. Leciona nos Programas de Pós-Graduação em Educação Profissional (IFRN), em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) e em Ensino (UERN/IFRN/UFERSA).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7340894360051987>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9721-9812>.
E-mail: chagas.souza@ifrn.edu.br

Doutora em Educação (Universidade do Minho, Portugal) e docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Ipanguaçu. Leciona no Programa de Pós-Graduação em Ensino (UERN/IFRN/UFERSA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5868116609416027>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2774-4491>.
E-mail: pontes.veronica@ifrn.edu.br

Resumo: O artigo aborda o protagonismo do Grêmio Estudantil “Valdemar dos Pássaros”, na idealização da I Semana Arco-Íris, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Mossoró. O evento teve como objetivo trazer a temática de gênero e diversidade para debate, tendo em vista os índices alarmantes de LGBTQI+fobia no Brasil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com uso de entrevistas abertas com organizadores/as do evento (estudantes e docentes). Os relatos mostraram que abordar sobre a diversidade sexual requer o enfrentamento de preconceitos e de conflitos para combater a LGBTQI+fobia, reduzir índices de evasão escolar de pessoas LGBTQI+QIA+ e promover visibilidade e respeito à diversidade sexual, inclusive, nos espaços de trabalho.

Palavras-chave: Diversidade Sexual. Gênero. LGBTQI+. Educação Profissional.

Abstract: The article approaches the protagonism of the Student Guild “Valdemar dos Pássaros”, in the idealization of the I Semana Arco-Íris, at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Mossoró. The event aimed to bring the theme of gender and diversity to debate, in view of the alarming indexes of LGBTQI+phobia in Brazil. This is a qualitative research using open interviews with event organizers (students and teachers). The reports showed that approaches about sexual diversity requires facing prejudice and conflict to fight the LGBTQI+phobia, reduce school dropout rates of people LGBTQI+QIA+ and promote visibility and respect for sexual diversity, including in the workplace.

Keywords: Sexual Diversity. Genre. LGBTQI+. Professional Education.

Introdução

Êh, vida, vida, que amor brincadeira, à vera
Eles se amaram de qualquer maneira, à vera
Qualquer maneira de amor vale à pena
Qualquer maneira de amor vale amar.

A estrofe da composição “Paula e Beбето”, de Milton Nascimento e Caetano Veloso, criada em 1975, embora não se trate de uma relação entre pessoas do mesmo sexo, inspirou-nos para a abertura da escrita desse artigo, pois, endossamos que “Qualquer maneira de amor vale à pena”, sendo as relações entre as “Paulas e Paulas” e “Bebetos e Bebetos” merecedoras de respeito.

A história da sexualidade se configurou como instrumento dos discursos políticos, travestidos nos saberes médico, jurídico e cultural, contingenciados pelo poder do Estado, que exerce controle sobre o sexo dos cidadãos e define os comportamentos sexuais “próprios” para homens e mulheres (FOUCAULT, 1988). Os padrões performativos vislumbram uma pretensa linearidade entre os sexos, identidade de gênero e orientação afetiva-sexual, e estabelece, como norma, a heterossexualidade compulsória ou heteronormatividade (BENTO, 2006; BUTLER, 2015; LOURO, 2016).

A norma sexista gera uma abjeção sofrida pelas pessoas não-heterossexuais e transgêneros; são “sujeitos na condição de ‘diferentes’, uma diferença que desqualifica, desvaloriza e torna esses sujeitos ‘indesejáveis’ [...]” (COUTO JUNIOR, (2017, p. 66). Por não serem bem-vindos, passam a ser seres humanos descartáveis. Por isso, o Brasil, possui um dos maiores índices de suicídios e assassinatos de pessoas LGBTQI+ do mundo.

Segundo o Dossiê da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), 124 pessoas trans foram assassinadas em 2019. Nesse ano, houve um aumento de 114% assassinatos em relação a 2008, o ano que apresentou o número mais baixo de casos relatados. A pesquisa também revelou a gravidade das ocorrências (80% dos crimes apresentaram requintes de crueldade) e de impunidade (apenas 8% dos casos tiveram suspeitos identificados). Nesse dossiê também encontramos dados preocupantes de uma pesquisa realizada pela equipe do TvT– Transrespect versus Transphobia World Wilde que, em novembro de 2019, revelou o total de 331 casos de assassinatos entre 1 de outubro de 2018 e 30 de setembro de 2019 no mundo. “O Brasil segue como o país que mais assassinou pessoas trans do mundo neste período, com 130 mortes, seguido do México (65) e dos Estados Unidos (31), somando um total de 331 homicídios reportados de pessoas trans em 74 países em todo o mundo” (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020, p. 57).

Quando levamos essa discussão para o campo escolar, encontramos que, de acordo com pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), “[...] 68% dos/das estudantes LGBTQI+ foram agredidos/as, verbalmente, na instituição educacional, por causa de sua identidade/expressão de gênero; um quarto (23,5%) relatou ter sido agredido por este motivo com frequência ou quase sempre” (ABGLT, 2016, p. 39). Os dados da pesquisa também chamam atenção quanto aos espaços evitados nas escolas pelas pessoas LGBTQI+. De acordo com a pesquisa divulgada pela ABGLT:

[...] os/as estudantes LGBTQI+ evitavam com mais frequência as instalações esportivas ou as aulas de educação física e os banheiros da instituição educacional, com mais de um terço evitando cada um desses espaços porque se sentiam inseguros/as ou constrangidos/as (38,4% e 36,1%, respectivamente). Mais de 25% dos/das estudantes LGBTQI+ também afirmaram que evitavam os vestiários (30,6%) e um quinto evitava quadras ou instalações esportivas da instituição educacional (22,1%) (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2016, p. 25).

Entretanto, apesar dessa realidade, há restrições da abordagem dos temas sobre gênero, sexualidade e orientação sexual nas escolas (TIBURI, 2016; PINO, 2017). Melo, Souza e Pontes (2019), em um estado do conhecimento realizado a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, utilizando o termo “heteronormatividade”, encontraram 44 trabalhos na área de Educação e, destes, apenas 16, no período de 2013 a 2016 (estudos disponíveis para download), atendiam ao interesse dos pesquisadores: encontrar investigações que enfatizassem a problematização, a desestabilização e a superação da heteronormatividade na Educação Básica. Embora a pesquisa tenha se realizado há 5 anos, é possível que ainda persista o problema dos poucos estudos sobre esse tema.

Estudos como esses tornam-se caros para nós, educadores, tendo em vista a necessidade evidente do respeito ao outro e à diversidade sexual existente e evidenciada atualmente. No entanto, esse tema ainda parece ser um tabu devido à dinâmica das relações de poder exercidas pelos grupos conservadores que têm influências no cenário social, político e educacional. No Rio Grande do Norte, por exemplo, em alguns municípios¹, sabe-se de medidas de combate à discussão dos temas da diversidade sexual, nas escolas públicas (VEREADORES..., 2017), o que retira do processo de discussão, análise e compreensão essa realidade.

França, Silva Júnior e Araújo, ao pesquisarem sobre a violência contra pessoas LGBTQI+, no Rio Grande do Norte, a partir da aplicação de questionários em todo o estado, constataram que 63,41% dos respondentes afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência por sua orientação sexual. “As várias formas de violências acontecem de forma naturalizada pelos potiguares em quaisquer espaços, começando desde suas casas, no seio de suas famílias, ao caminharem nas ruas, etc.”, declaram os autores (2020, p. 153). Adiante, os pesquisadores informam que, nesse estado, “segundo dados do Disque 100 (Disk Direitos humanos da Presidência da República), ocupou, no ano de 2016, a terceira posição no Brasil e a primeira da região Nordeste em uma escala que quantifica as violências LGBTs no país, segundo as ligações feitas a este número” (2020, p. 156).

Tal realidade impõe a necessidade de colocar em evidência essa questão, principalmente, no contexto escolar. É imprescindível “[...] buscar estratégias de resistência contra a tentativa de universalizar as singularidades humanas, contestando a produção de discursos em sintonia com as representações hegemônicas” (COUTO JUNIOR, 2017, p. 65).

A heteronormatividade, ao silenciar e subjugar as diversas manifestações de identidade de gênero e orientação sexual, instiga que diversos grupos tentem “[...] construir e planejar estratégias que garantam a possibilidade de contestar os privilégios da heterossexualidade e, ao mesmo tempo, compreender as singularidades humanas nas diversas instâncias sociais” (COUTO JUNIOR, 2017, p. 72). Esses grupos, nas instituições de ensino, podem ser representados pelos grêmios estudantis, como foi o caso do Grêmio Estudantil “Valdemar dos Pássaros”, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), do Campus Mossoró, que, em 2016, contando com o apoio de alguns servidores, organizou a I Semana Arco-Íris, projetando visibilidade às pautas de combate à LGBTfobia.

É sobre a I Semana Arco-Íris que tratamos neste artigo. Discutimos o protagonismo do Grêmio Estudantil “Valdemar dos Pássaros” na idealização de um evento que colocou em pauta a diversidade sexual e os novos arranjos familiares, subvertendo, portanto, a ordem estabelecida em uma sociedade heteronormativa, num contexto em que a extrema direita tomava o poder e alardeava o risco de destruição dos valores e da família mediante a “ideologia de gênero” e outras *fake news*. A ação perpetrada pelo grêmio demonstra, como afirmam Valença e Carvalho (2021, p. 4) que a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) “não pode estar descolada de uma formação humanista que, indissociavelmente, repercuta positivamente no enfrentamento de racismos, machismos, LGBTQIA-fobias e outras opressões e desigualdades que se fazem presentes na sociedade”.

A partir de entrevistas abertas com seis organizadores/as da I Semana Arco-Íris, aqui identificados(as) como Entrevistado(a) 1 a 6, discutimos como esse evento foi planejado e realizado, apesar das dificuldades comuns de se ir contra as normas vigentes, mesmo em uma instituição que tem como um dos pressupostos a formação do sujeito em sua plenitude, con-

¹ Citamos os Municípios de Apodi e Pau dos Ferros, entre outros exemplos.

forme podemos encontrar no Projeto Político-Pedagógico do IFRN (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE, 2012).

Vale salientar que o IFRN, Campus Mossoró, até a data da promoção do evento, foi a única instituição de Educação Básica, nesse município, que abrigou uma atividade extracurricular, de porte destacável, contemplando as pautas de visibilidade e de respeito à diversidade sexual, com evidente combate à LGBTfobia, motivo pelo qual ter recebido a cobertura da imprensa local.

Nosso texto foi dividido em duas seções: na primeira traçamos considerações sobre a história do Grêmio Estudantil “Valdemar dos Pássaros”, e na segunda abordamos o pioneirismo do Grêmio em realizar a I Semana Arco-Íris, no IFRN, Campus Mossoró.

O Grêmio Estudantil “Valdemar dos Pássaros”: a Semana Arco-íris e a subversão da ordem

O Grêmio Estudantil “Valdemar dos Pássaros” foi fundado em 8 de julho de 1995, quando o IFRN era denominado Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte e o Campus Mossoró era uma Unidade de Ensino Descentralizada (UNED). Sua primeira denominação foi “Grêmio Estudantil Professor Francisco das Chagas Mariz Fernandes”, em homenagem ao diretor geral da ETEFRN à época (QUEIROZ, 2017).

Não se identificando com essa denominação, os estudantes reclamavam por um nome, no qual se sentissem representados e que, segundo Queiroz (2017) fosse mais relacionado à realidade mossoroense. Assim, mudaram o nome do Grêmio Estudantil para “Valdemar dos Pássaros”, artista de rua da cidade, por entenderem que essa era uma maneira de protestar contra a abjeção a que são submetidas os artistas populares que se apresentam na rua, geralmente invisibilizados e desvalorizados por grande parte da sociedade.

Compreendemos, com base na pesquisa de Queiroz (2017), que essa atitude manifesta um ato político de contestação a uma provável interferência feita pela gestão. Boutin e Flach (2015) enfocaram a relevância dos grêmios estudantis para a emancipação das pessoas no sentido de se desprenderem e desestabilizarem ideologias dominantes, romperem com paradigmas, questionarem saberes, ressignificarem concepções e promoverem emancipação. Isso pode ocorrer em atividades diversas, como debates e palestras, que promovam um novo modo de pensar conduzindo à liberdade das amarras da ideologia dominante.

Na pesquisa de Queiroz (2017) constam narrativas de egressos confirmando o fortalecimento desse Grêmio a partir de tal ato de reivindicação, evidenciando, constantemente, mobilizações estudantis que aconteciam, internamente, ao questionarem as decisões e as rotinas administrativas da direção da UNED, mas também, o envolvimento dos estudantes em apoio às pautas de interesse público, como em movimentos em defesa da educação pública e contra o domínio de políticas neoliberais durante o mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso (1 de janeiro de 1995 – 1 de janeiro de 2003).

De fato, a resistência estudantil foi fruto do processo formativo discente que estimulou o ímpeto questionador, crítico e reflexivo, portanto, a constituição de um técnico-cidadão, um dos objetivos da Proposta Pedagógica da ETEFRN posta em prática a partir de 1995 (ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 1995).

Levando em conta as atividades promotoras de emancipação, e aos atos políticos de ruptura ideológica contra a matriz das relações de gênero, sexualidade e orientação sexual, adornadas pela heteronormatividade, citamos a I Semana Arco-Íris, evento idealizado e protagonizado pelo Grêmio Estudantil “Valdemar dos Pássaros”, entre os dias 25 e 29 de julho em 2016.

Na organização desse evento, o Grêmio contou com o apoio do Núcleo de Artes (NU-ART), do Núcleo de Filosofia e Sociologia do Campus IFRN/Mossoró e do coletivo LGBTQI+ “Dê Bandeira”². As falas de um(a) estudante envolvido(a) na organização do evento, em entrevista à imprensa mossoroense, clarificam os motivos para a realização do evento:

² O termo “dê bandeira” é uma gíria. Indica que as pessoas LGBTQI+ precisam exprimir suas identidades de gêneros e suas sexualidades, destemidamente, “dando bandeira”.

A Semana Arco-Íris vem combater a LGBTfobia. Uma tentativa de dizer, também, aos nossos representantes políticos, como o senador Magno Malta, criador do projeto Escola sem Partido, no Senado, que diz que nós não devemos debater gênero nas escolas. Mas, nós devemos, sim, debater gênero nas escolas! É nas escolas que nós podemos construir, nas escolas que nós podemos debater democracia. Então, esse é um debate fundamental. Por que se nós continuarmos encarando o outro como aquele que não deve estar aqui, como aquele que nós não devemos respeitar, nós iremos continuar tocando essa sociedade cada vez mais desigual, injusta, calcada numa educação domesticadora, que é o que o projeto escola sem partido quer continuar a reproduzir, com mais preconceitos e desigualdades (IFRN..., 2016).

[...] queremos, com essa semana, conscientizar o núcleo da escola contra a LGBTfobia e acerca das políticas públicas que existem hoje para a sociedade LGBTQI+. Então, é uma semana, acima de tudo, de informação política para os alunos e também pra comunidade externa (SEMANA..., 2016).

A organização da I Semana Arco-Íris contou com a participação de alguns servidores do Campus Mossoró, mais ligados às artes, às Humanas e à saúde. Outros servidores, informalmente, manifestaram-se contrários ao evento em virtude dos temas da diversidade sexual serem, ainda, considerados, nos contextos escolares, subversão às normas heteronormativas, conforme apontam Louro (1997), Carrara (2009) e Junqueira (2009). Os relatos dos(as) entrevistados(as) expressam as dificuldades enfrentadas para a realização do evento:

[...] havia algumas barreiras, algumas limitações. Mas aconteceu que nessa semana, a gente conseguiu fazer o que a gente pretendia. (Entrevistado/a 1)

A questão institucional, em si, eu vejo que foi bem complicado. A escola, a instituição, a gestão, não ficaram bem com a Semana Arco-Íris. Eles se sentiram como se fosse uma crítica contra eles. Mas não foi. (Entrevistado/a 2)

Eu achei estranho, na época, que a escola não botou a programação no seu *site*, oficial. Ficou, muito mais, a divulgação do Grêmio. (Entrevistado/a 3)

Como ocorre em outros espaços sociais, existia, também, no Campus Mossoró, uma diversidade sexual velada que precisava ser visível, discutida e respeitada, como observa Louro (2001). Por isso, conforme um(a) entrevistado(a), a organização do evento emergiu de muitos questionamentos: Como pensar a ética para essas minorias sexuais, vulneráveis ao assassinato, suicídio e hostilidade? Por que não tratar de ética para as pessoas LGBTQI+, no IFRN, uma vez que essa instituição trabalha a formação omnilateral e o combate ao preconceito no mundo do trabalho? Os/as estudantes queriam saber como os servidores concebiam a diversidade sexual e quais construções poderiam ser feitas sobre seus posicionamentos (conceituais e atitudinais), mediante aquele contexto.

Ademais, uma parte considerável dos/as estudantes sofria as angústias de se entender e se aceitar enquanto gênero e/ou sexualidade subversiva, trazendo a necessidade de se dar visibilidade e discutir tais situações, eximindo-as de culpas. Os/as estudantes queriam saber como o espaço escolar contribuiria para que os seus questionamentos e conflitos fossem sanados. Dentre esses conflitos, existia a dificuldade em lidar, particularmente, com a família e com a sociedade como podemos verificar nos relatos a seguir.

Nessa época, eu ainda não tinha me assumido como transexual. Eu estava enfrentando o “me aceitar” e “não me aceitar”, ao mesmo tempo. Estava, nesse momento, de transição própria, sem contar para os outros, ainda. Tudo que se referia ao feminino eu fugia. Era algo caótico na minha vida. (Entrevistado/a 2)

[...] por incrível que pareça, eu me surpreendi, já nessa primeira reunião³, porque eu vi, que o que os meninos estavam tentando era fazer uma afirmação do eu! Do respeito de si mesmo! Eram questões tão mínimas que essas crianças estavam pedindo. De saber: “é uma opção minha, ou é uma orientação?”. E às vezes, a pergunta era deles mesmo! “Eu sinto coisas. Eu tenho desejos diferentes. O que eu faço? Eu estou errado? Eu devo me anular, por causa disso?” [...] Então, tinham estudantes que tinham, e têm problemas com a sua sexualidade. (Entrevistado/a 4)

A gente sabe a quantidade de jovens aqui em situação de sofrimento emocional, porque não conseguem aceitar a sua sexualidade ou a sua diferença de gênero. (Entrevistado/a 5)

Sensível a essas questões, cada vez mais evidentes, o Grêmio Estudantil “Valdemar dos Pássaros” organizou um plano de gestão que contemplou a temática da diversidade sexual, indo ao encontro da formação humanística do IFRN que abriga, entre outros aspectos, o respeito à diversidade (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE, 2012a, 2012b).

[...] o nosso plano de gestão era fazer algumas semanas temáticas. E essas semanas temáticas estavam diretamente ligadas a questões de gênero, de classe, de raça, etnia. Então a Semana Arco-Íris foi uma dessas semanas temáticas que estava ligada à de gênero. (Entrevistado/a 1)

[...] o protagonismo, o papel principal de onde vinha a demanda, o delineamento da demanda, e quem escolhia, se aceitava ou não as nossas conjecturas, eram dos estudantes. Era um grêmio autônomo. Partiu deles! Era uma ideia deles de estarem, sempre, discutindo isso. (Entrevistado/a 4)

Segundo Butler (2015) e Louro (1997), apesar de ser uma necessidade, o tratamento dos temas de gênero e diversidade sexual, na formação escolar, ainda merece transposição de barreiras, pois as abordagens existentes são minadas pelo formato normativo de heterossexualidade. Nesse aspecto, as manifestações de gênero e orientação sexual que se desviam desses moldes, são estranhadas e interpeladas, por parte da família e das instituições. Dessa forma, houve receio com relação aos riscos de repercussões negativas que a I Semana Arco-Íris poderia provocar diante das famílias dos/as estudantes, e possivelmente, de alguns/as servidores/as do IFRN.

Muitos servidores/as e alunos/as apresentaram ressalvas quanto ao evento, expressando-se, em alguns momentos, com comentários e atitudes contrárias justificando-as pelo receio quanto a não aceitação da família diante da I Semana Arco-Íris, algo já visto por Louro (1997) e Moreno (1999), ao afirmarem que esses temas suscitam preocupações por parte das escolas, em razão da hostilidade com os quais são vistos na sociedade, principalmente, na família.

Houve dificuldades, até mesmo, quanto à definição da data para o evento. O choque com outras atividades e o cumprimento de um cronograma institucional a ser seguido, apesar

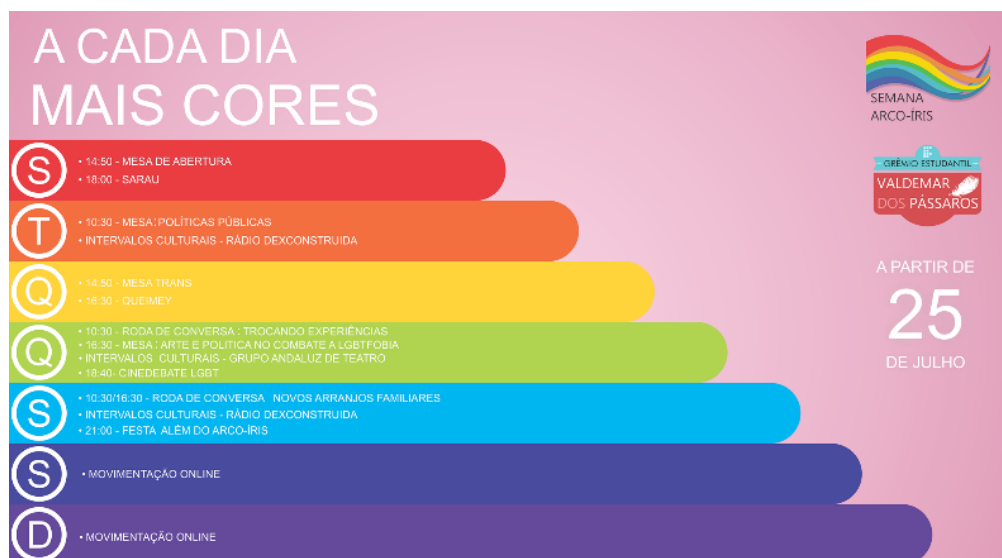
³ O/a entrevistado/a está se referindo à reunião do Grêmio com professores/as e gestores/as do IFRN, para planejar a I Semana Arco-Íris.

desta ser uma atividade extracurricular, foram argumentos usados para mudanças de datas. Haja vista o receio de que o evento não fosse realizado, a gestão do Grêmio persistiu em requerer a determinação de datas para ocorrer a I Semana Arco-Íris, conforme podemos constatar nos relatos a seguir:

[...] três datas foram prorrogadas. Até que a gente chegou num ponto e fez assim: “Não! Vamos definir uma data, e se o corpo administrativo não tiver com a gente, não auxiliar a gente, a gente vai realizar de forma própria”. Então eles [gestão e administração] disseram: “não, então em vocês realizarem por vocês, e não ter o nosso apoio, e a gente sabendo o que está acontecendo, então a gente vai estabelecer essa data e vai ser essa data”. (Entrevistado/a 6)

Na programação (Figura 1) constou debates e reflexões sobre a diversidade sexual na escola. Aconteceram palestras, mesas redondas, rodas de conversa, exposições de fotos, encenações teatrais performáticas e o saiaço⁴ (Figura 2), jogos recreativos (*gaymada*⁵), exposição de filmes, programa em rádio e festa de encerramento.

Figura 1. Programação da I Semana Arco-Íris



Fonte: Grêmio Estudantil Valdemar dos Pássaros. Disponível em: https://www.facebook.com/events/1751916751753586/?post_id=1756174467994481&view=permalink Acesso em: 24 jul. 2021.

4 Durante a I Semana Arco-Íris, os estudantes, geralmente os homens, circulavam vestidos com saias pela instituição. Alguns de mãos dadas. Em outros momentos, também se apresentaram nas mesas temáticas usando as saias, daí o termo saiaço, uma manifestação subversiva de expressão de gênero à norma sexista.

5 Momento em que foram realizadas, no espaço da quadra de jogos, atividades de recreação como a brincadeira de “queimado”, na qual se joga uma bola em alguém. Uma proposta lúdica e política de ocupação do espaço público favorecendo visibilidade e recreação ao público LGBTQI+, embora fosse aberto a qualquer pessoa que se interessasse em participar.

Figura 2. Saição



Fonte: Grêmio Estudantil Valdemar dos Pássaros. Disponível em: https://www.facebook.com/events/1751916751753586/?post_id=1757368107875117&view=permalink Acesso em: 24 jul. 2021.

De acordo com alguns(mas) entrevistados/as, a programação enfocou as bases conceituais da diversidade sexual, tratou sobre os conflitos e vulnerabilidades comuns no contexto das pessoas LGBTQI+, abordou as reivindicações das pautas desse público, além de trazer a discussão sobre os novos arranjos familiares, representados por duas famílias homoafetivas. Para Gohn (2009, p. 31), essas experiências “[...] são processos de autoaprendizagem e aprendizagem coletivas, adquiridas a partir da experiência em ações organizadas segundo os eixos temáticos: questões étnico-raciais, gênero, geracionais e de idade, etc.”.

Nesse aspecto, dois momentos relevantes foram citados constantemente nas entrevistas que realizamos: as mesas redondas sobre as identidades transgêneros e as discussões sobre os novos arranjos familiares (Figura 3). Foram momentos que revelaram a necessidade de saber sobre outras sexualidades não heterossexuais, de transpor os limites de entendimento da norma binária para compreender as determinações morais impostas desde o nascimento e que causavam crises existenciais, para alguns, como Nogueira (2017) e Pino (2017) explanam.

Figura 3. Palestra no auditório do Campus Mossoró na I Semana Arco-Íris



Fonte: Grêmio Estudantil Valdemar dos Pássaros. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=10210067430952100&set=pcb.10210067433992176> Acesso em: 24 jul. 2021.

A fala do(a) entrevistado/a 2 explicitou a angústia de se entender enquanto gênero e sexualidade, subversivo e romper silenciamentos contra identidades designadas e estereotipadas.

Foi algo que, por eu estar atuando justamente nisso, me ajudou a ter mais esclarecimento sobre mim. E junto também teve as palestras com [...]⁶, que foram contar como era a vivência deles/as sendo transexual, se assumir para família, para outras pessoas, para sociedade. (Entrevistado/a 2)

Outra forma de visibilidade à diversidade sexual, na I Semana Arco-Íris, foram as performances teatrais. Considerados potenciais de crítica e reflexão, os momentos cênicos mostraram as hostilidades veladas nas expressões do público que assistia as apresentações que se constituíam em críticas aos atos de homofobia, confessos e/ou ocultados, no dia a dia.

A gente começou a experimentar como trabalhar as temáticas da violência, da intolerância, através do teatro. E nós criamos um experimento chamado “fragmentos da dor”. E um dos experimentos, foi esse da Semana Arco-Íris. E, aí, esse experimento tinha várias cenas espalhadas pelo campus. Todas essas, eram cenas que aconteciam, simultaneamente em pontos estratégicos, aqui, no IFRN/Mossoró (Entrevistado/a 5).

Três atos cênicos foram citados. Trataram da crise existencial no processo de desagregação da identidade de gênero imposta, em nome da assunção da identidade de gênero com a qual a pessoa se aproxima e desejaria externar.

Uma delas, era uma caixa preta e só uma cabeça à mostra. Era como se fosse uma cabeça degolada, em cima de uma mesa. Essa cabeça estava maquiada: metade *drag queen*, e a outra metade, não estava maquiada. A performance era só o ator parado. Só a cabeça dele aparecendo. E as pessoas iam lá e apreciavam aquela imagem. E foi interessante, porque, em uma das apresentações, o ator chorou e uma lágrima caiu. Foi bem significativo, porque ele não fazia, absolutamente, nada. Só ele parado e a gente criava nossa própria interpretação sobre aquela cabeça decepada. Havia uma outra performance que era uma atriz trans, do nosso grupo, que até então, nós não sabíamos que ela era uma mulher trans. Ela não havia conversado conosco, sobre isso [...]. Ela estava com um vestido por baixo e uma roupa social, por cima – uma roupa que a gente associa com a figura do homem. E, por baixo, um vestido que é associado à figura da mulher. Então, ela estava no Centro de Convivência [do Campus IFRN], incomodada com aquilo, sem gostar daquela roupa que estava por cima (uma camisa de botão e a calça). Então, aos poucos, ela ia abrindo aquela roupa e mostrando esse vestido. Quando ela ia mostrando esse vestido, ela ia se sentindo mais liberta⁷. Começando a se mostrar. Uma outra, era um rapaz, abrindo as portas do armário. Era um armário, mesmo! E, mostrando quem ele era, ficou bem feliz, por estar saindo daquele armário. (Entrevistado/a 5)

⁶ Por não termos autorização escrita, evitamos expor os nomes de estudantes transgêneros de outras instituições de Educação Básica e de graduação, que participaram da Mesa TRANS sobre as experiências da transexualidade na família, na escola e no mercado de trabalho.

⁷ Essa era a encenação expressiva de uma mulher presa, biológico e socialmente, no corpo masculino, de acordo com a pessoa entrevistada.

Esse ato cênico, provocou, na atriz, uma identificação com a situação real de seu contexto. A cena, para essa estudante, que se apresenta como transgênero, representou sua libertação, enquanto mulher, antes engessada num corpo masculino. Observamos que prover oportunidade para discutir a diversidade de gênero e sexualidade, na escola, à luz da arte, também proporcionou acolhimento e, neste caso, evitando até mesmo a evasão escolar desta estudante trans, o que vai ao encontro de Nogueira (2017) e Pino (2017) quando demonstram os consideráveis índices de abandono escolar por pessoas LGBTQI+ que não se resistem às abjeções e hostilidades no ambiente escolar, quando são reconhecidamente subversores da norma sexista.

Entendemos que a imersão no imaginário, dissolve, desestabiliza e desnatura as normas estabelecidas, balizando a imposição de verdades. Entre outras relevâncias, o teatro se materializa como “[...] prática da interrupção da regra, que reclama um direito absoluto à exceção [...]” (CABRAL, 2001, p. 5), porque nos apresenta outras configurações possíveis do real e outras formas de ler a realidade. Cenas associadas aos temas de gênero e sexualidade causam polêmicas e incômodos, constituindo-se abjeção aos corpos subversivos. Por isso, a importância da quebra de paradigmas, para mudança de pensamentos e atitudes, diante da vulnerabilidade a qual estão expostas a comunidade LGBTQI+. Ademais, o incômodo prova a necessidade de desestabilizar o preconceito (LOURO, 2016; BUTLER, 2015).

O(A) entrevistado(a) 5 comenta a respeito de incômodos gerados na I Semana Arco-Íris:

Tratar sobre esse tema, já é, em si, um incômodo. E é um incômodo necessário! Ele precisa estar. Essas cenas que eu te relatei, elas precisam estar. A gente tocou nessa temática e fez isso de uma maneira extremamente poética. A gente falou sobre isso de uma maneira leve, de uma maneira impactante, como é o caso dessa cabeça decepada no meio de pátio. Se você for parar para pensar, não havia nudez nenhuma. Não havia simulação de nada, não havia, nessa performance, nem beijo. Então, são incômodos necessários. Essa ideia de agradecer a todos é uma ideia totalmente, irreal. Não existe isso!

O incômodo logo se revelou em ações hostis contra o Grêmio e à ornamentação do evento. Conforme os(as) entrevistados(as), foram utilizados, como adornos, a bandeira arco-íris em vários locais e nas mesas para as rodas de conversa, desenhos de nuvens, arco-íris e origami de pássaros, expostos nas portas das salas de aula, além de uma galeria de fotos⁸. Mas, em alguns momentos, e anonimamente, essa decoração foi retirada das portas por outros estudantes da instituição.

Os meninos enfeitaram o IFRN. Aí, como a gente já tinha enfeitado de maneira colorida, antes, para a Semana de Literatura, ficaram, os mesmos enfeites. Com os mesmos coloridos. Quando começou a Semana Arco-Íris, por causa da “Semana Arco-Íris”, a galera arrancava! Estudantes, aqui do grupo da noite, arrancando porque “estamos desvirtuando as pessoas”. (Entrevistado/a 4)

Alguns escreviam frases nas nuvenzinhas que a gente colocava, como por exemplo, teve a palavra: “desnecessário”, numa nuvenzinha. E nós colocamos outra nuvenzinha azul, por cima, e passamos a colocar mais Arco-Íris, na escola. E aí a gente colocou mais Arco-Íris na escola e alguns pássaros – que a gente fez de origami – colocamos nos corredores. E foram arrancados, e nós colocamos outros, novamente. (Entrevistado/a 6)

⁸ Os organizadores fizeram seções de fotos e expuseram na entrada do auditório, durante a realização do evento.

Isto nos remete às comparações com as lutas encampadas das minorias sexuais, passíveis de supressão. Para Louro (1997, p. 33), é comum observar a reafirmação de que os grupos considerados dominados, “[...] são capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão, lugares de resistência e de exercício de poder”. Na resistência, esses grupos exprimem seu poder, perturbando as relações heteronormativas.

Foi apontada, nas falas dos(as) entrevistados(as), a ocorrência de outros comentários contra a I Semana Arco-Íris, feitos por alguns(mas) professores(as) que a compreendiam como um movimento de afronta.

Muitos professores relataram que tinha sido uma reviravolta na sala dos professores! Gente que não aceitava o Grêmio fazendo esse tipo de atividade [Semana Arco-íris]. Teve um dia que foi tirado para fazer o “saião”, que foi, justamente, essa ideia de desconstruir esses papéis de gênero. Os meninos usaram saia, sem problema, e chegou uma professora e disse: “você não têm vergonha de usar saia? De se prestar a isso? Quem usa saia é mulher!”. (Entrevistado/a 1)

Não era uma crítica de afronta! Os(as) alunos(as) queriam falar das vivências, queriam ter voz, queriam pensar o outro e queriam ter o direito ao “eu”. Então, essa existência reconhecida e respeitada enquanto tal, enquanto a diferença, era o grande objetivo! E não uma crítica de afronta! Existem momentos de excessos? Existem! Quem nunca? Mas todas as identidades, elas podem ter esse caráter. Mas isso, quando vem de um movimento de uma minoria, isso torna um outro peso. A crítica já é outra: é bem mais dura. (Entrevistado/a 4)

E quando a gente falou da *gaymada*, eles disseram: “ah, mas vocês vão atrapalhar as aulas, o pessoal da sala dos professores vai se sentir incomodados”. A gente estabeleceu o horário para as cinco horas. Lá não tem aula no terceiro bloco esse momento. Porque vinham *drags* também. Vieram *drags* para cá. Enfim, nós entendemos isso como um ato de resistência [de alguns professores(as) com relação ao evento] porque não iria atrapalhar. A gente sabia que não ia atrapalhar. (Entrevistado/a 6)

Se antes estas atitudes de hostilidade eram veladas, puderam emergir com a I Semana Arco-Íris, confirmando, nas falas, o que a teoria alertava-nos sobre o poder das normas heterossexistas e das manifestações silenciadas da homofobia, sempre presentes nos espaços institucionais, e estas manifestações de abjeções podem vir de quaisquer lados.

Também foi descrito, nas falas, que alguns pais, técnico-administrativos e docentes, manifestaram-se contrários e avessos à exposição da galeria de fotos LGBTQI+, expostas no *hall* de entrada do IFRN. Havia rejeição às manifestações de afeto entre os casais homoafetivos, registradas nas fotos. Conforme as falas, os afetos entre os estudantes heterossexuais são mais aceitos.

[...] essa exposição era de pessoas LGBTQI+ mostrando sua afetividade! Foi uma exposição de fotos que nós fizemos lá no parque municipal. O pessoal com a bandeira LGBTQI+... Alguns abraçados... Outros dando selinho. Uma exposição linda! Mas, essa exposição foi colocada em questão. E foi colocado: “ah, tinha gente se beijando e os pais não gostam...”. “A gente não pode vir com muita afronta...”. Como se isso fosse uma afronta! E não era uma afronta! Afronta, é, justamente, o preconceito que as pessoas LBGT sofrem. Houve muito embate, principalmente pela questão dos servidores. Alguns não viram com bons olhos. (Entrevistado/a 1)

Observamos que as expressões transgêneros e homoafetivas têm sido combatidas com intensidade se comparadas às manifestações públicas de afeto entre pessoas heterossexuais. No entanto, ainda que esses embates persistam em tentativas de controle e silenciamentos, Butler (2015), Louro (1997, 2001, 2016), Silva (2016), entre outros, salientam que as resistências em favor à diversidade sexual, continuarão, apesar das hostilidades.

A afronta, de acordo com os defensores de uma matriz heteronormativa, é se desviar de uma rota de viagem planejada, como expressam Louro (2016), Silva (2000, 2016) e Fonseca (2017). Na verdade, é o desvio da norma padrão, das regras estabelecidas por uma sociedade que tem um grupo heteronormativo no poder. É tomar o lugar de um padrão já instituído. E isso, em si, não é compreendido como um direito de expressão das diferenças, de manifestações de pessoas que não são iguais, mas como uma afronta aos normativismos impostos pela heterossexualidade.

A nossa bússola moral é sempre a partir do nosso conjunto de valores [...] E foi naquele momento que eu comprei uma luta que talvez não fosse minha! Que não fosse uma das minhas prioridades, dentro do IFRN. Que era, o momento que você tem uma estudante trans que não é bem tratada por ser trans. (Entrevistado/a 4)

Eu sou uma apoiadora, do movimento da militância. Eu não sou da comunidade LGBTQI+, mas a gente vai continuar lutando [...], porque imagina se fôssemos todos, pessoas cis, heterossexuais ou, se fôssemos todas pessoas que tivessem o mesmo tipo de pensamento, seria muito chato. A gente não teria muita coisa a aprender aqui. (Entrevistado/a 5)

Conforme tratados em Butler (2015), Louro (1997, 2016), Silva (2016), essas hostilidades contrárias aos temas de gênero e sexualidade, são dispositivos da norma heterossexual sempre a postos. Porém, não conseguirão suprimir, efetivamente, o outro polo: o contra normativo. Neste sentido, Louro (1997) reiterou o pensamento de Foucault (1988), concebendo que o poder, ao instituir a proibição, o impedimento e a coerção, contraditoriamente, provoca a resistência. Portanto, os atos de resistência são inerentes ao exercício de poder. Desse modo, também os gêneros se diversificam, em meio e em consequência das relações de poder.

Embora entendidos, por muitas pessoas, como afrontamentos ou subversões extravagantes, os objetivos da I Semana Arco-Íris tinham em vista a visibilidade, o respeito e o combate a LGBTfobia. Conforme os(as) entrevistados(as), o evento trouxe momentos impactantes para socialização das vivências de identidades abjetas (JUNQUEIRA, 2009), questionamentos e desestabilização da heteronormatividade para combater a LGBTfobia.

De início foi um impacto muito grande, porque nunca, no IFRN, tinham parado uma semana para discutir gênero e questão LGBTQI+. Então, essa semana deu muito conforto para essas pessoas, por debater aquilo que elas passam em casa, por aquilo que elas passam na escola. Porque não é confortável ser LGBTQI+. Porque se a gente for parar pra prestar atenção, vai ter um ou outro estudante que vai estar saindo do IFRN por ele ser LGBTQI+, ou porque não tem apoio, ou porque sofre pela família. (Entrevistado/a 1)

O impacto, em mim, foi algo bem... significativo. Se não tivesse acontecido essa Semana Arco-Íris, eu teria demorado muito mais e passado por muito mais problemas psicológicos de ... me reprimir. Eu me senti segura no ambiente. Foi algo que precisa ter esse conhecimento. Algo que traz conhecimento do que, realmente, não é repassado, muitas vezes. Então, permite esse diálogo, de entender o que é LGBTQI+, entender o que é uma pessoa trans, uma pessoa homossexual e desmistificar preconceitos. (Entrevistado/a 2)

[...] primeiro impacto é sobre as pessoas da comunidade que precisavam de espaço para diálogo, que precisavam se sentir acolhidas, precisavam até compreender aquilo que se passa. Precisavam compreender que não estão sozinhas e que existem outras pessoas que vivem aquelas mesmas diferentes sexualidades que elas, que vivem alguns conflitos de gênero. Entenderem que têm espaço para serem quem são, aqui na instituição. Existe um outro impacto que é o das pessoas que são ignorantes quanto ao tema. Mas que se interessaram em procurar saber. E eu penso que, para alguns colegas, especialmente, professores, existiu um terceiro impacto que são essas pessoas que se sentiram incomodadas e, em vez de dialogarem sobre, saíram reproduzindo discurso de ódio por essa “ideologia de gênero”, que é uma expressão equivocada. Tanto que a gente teve as coisas arrancadas, tivemos alguns pais procurando a gestão, mas, com certeza, se eu pudesse fazer um balanço eu diria que valeu a pena. (Entrevistado/a 5)

Alunos que, eu particularmente, não imaginava que tivessem uma evolução tão grande, quanto a isso. Porque eu já conhecia a personalidade de cada pessoa. E sempre a pessoa se posicionava: contra, contra, contra. Hoje ela é totalmente mais acessível. Respeita mais. (Entrevistado/a 6)

Como protagonistas dessas experiências marcantes, que as pessoas têm na escola, e se constituem em divisores de água, Louro (2001, p. 18) destacou os atores que compõem a instituição e proporcionam estes momentos, contribuindo para a construção da nossa sexualidade.

[...] possivelmente, as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem às situações do dia a dia, as experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições, têm haver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossas identidades de gênero e sexual.

A partir dos relatos dos(as) entrevistados(as), algumas falas apontaram para as oportunidades de refletirem sobre as posturas de abjeção que partiam de discentes e docentes. Um(a) dos(as) entrevistados (as) destacou mudanças com relação ao tratamento de estudantes e casais homoafetivos.

Depois da Semana Arco-Íris, abriu a mente de inúmeras pessoas, assim como os professores que, antes, passavam e não nos olhavam de forma legal. Hoje eles já conversam com os casais, já têm que passar respeitando, já têm essa aproximação. E até a direção, também, já está mais aberta a discutir sobre isso, sabem o que a gente tá falando, como: orientação e opção sexual. Eles não sabiam a diferença. Teve uma pedagoga que falou “opção” sexual e o próprio diretor geral a corrigiu. E antes ele não sabia. A gente já deu um passo a mais. A gente trouxe o movimento em si para dentro da instituição e eles tiveram esse conhecimento, que antes não tinham. Eles sabem o que é o movimento, sabem quais são as lutas, e já presenciaram o movimento, em si, no campus. Mas de resto, a gente teve essa visibilidade da aproximação dos professores e dos alunos, e todo mundo se sentiu mais à vontade em estar no mesmo ambiente que o casal homoafetivo, entendeu? (Entrevistado/a 6)

Em retomada ao pensamento de Freire (2015) e das vivências pessoais e profissionais compartilhadas, nas falas, todos(as) têm o que ensinar e aprender. Um dos impactos da I Semana Arco-Íris relatado foi o fato de alguns/mas docentes, não próximos aos temas da diversidade sexual, adotarem posturas respeitadas ou tolerantes e, embora identificadas atitudes de LGBTfobia, não se deve subestimar as possibilidades de ruptura paradigmática ante às reflexões manifestas nas falas de docentes e discentes da instituição.

Portanto, se a I Semana Arco-Íris foi considerada polêmica, afrontosa e desnecessária para algumas pessoas, para outras, foi um divisor de águas, e não estamos citando apenas as pessoas transgêneros e/ou LGBTQI+, mas incluímos neste universo, alguns/mas servidores/as e alunos/as, que antes tinham atitudes hostis e desrespeitosas, com relação a essas discussões.

Considerações Finais

A I Semana Arco-Íris do IFRN, Campus Mossoró, em 2016, foi um evento extracurricular organizado pelo Grêmio Estudantil “Valdemar dos Pássaros”, com o apoio de alguns(mas) servidores(as), para a discussão de temas relativos à diversidade sexual no meio escolar. Este protagonismo teve apoio em discussões que contemplavam ética, direitos humanos e diversidade nos componentes curriculares. No entanto, havia a necessidade de uma abordagem voltada para os gêneros e sexualidades, geralmente silenciadas, quando se trata das pessoas LGBTQI+.

Concebendo que as diferenças existentes entre os seres humanos constituem a humanidade, e que os dispositivos constitucionais têm a responsabilidade de assegurar a igualdade e o respeito à diversidade torna-se então fundamentais, o questionamento e o combate às atitudes hostis que afetem a vida de pessoas LGBTQI+, causando, entre outros prejuízos, a evasão escolar e a não inserção no mundo do trabalho, reservando a essas pessoas alguns tipos de emprego mais “condizentes” com os estereótipos dados à sua orientação sexual.

As imposições heteronormativas, não podem impedir, os “outros”, de usufruírem de suas existências, expressões e desejos. Ser respeitado(a) é um direito acima de qualquer intervenção normativa dos sexos, gêneros e sexualidades. Por isso, a diversidade deve ser considerada uma pauta de interesse coletivo e presente nos currículos escolares em todos os níveis.

Esse evento proporcionou impactos com relação ao repensar de docentes, discentes e servidores(as). Apesar de em alguns casos não possamos falar em aceitação, a discussão ou mesmo o “choque” despertou para a formação pessoal e profissional dos discentes e servidores(as), conforme pudemos verificar nos relatos dos(as) entrevistados(as). Também promoveu mudanças necessárias de postura docente em relação ao trato cotidiano com esses temas e com os estudantes LGBTQI+ existentes na instituição. Neste sentido, entendemos que o exercício de autonomia, cidadania e compromisso com a mudança, protagonizados pelo Grêmio Estudantil “Valdemar dos Pássaros”, foi essencial e notório.

Faz parte da educação promover debates vinculados aos diversos aspectos sociais e pessoais que possibilitem incluir a diversidade sexual, diversidade religiosa, cultural, enfim, para que possamos entender que devemos ser tratados igualmente apesar do diferente, mas, ao mesmo tempo, como seres únicos e exclusivos com direitos, deveres e acima de tudo cidadãos e cidadãs do contexto em que vivemos.

Esperamos, com esse trabalho, que sejam provocadas outras manifestações de visibilidade e respeito à temática de diversidade sexual, na Educação Básica. Para isso, é essencial a sensibilidade e o reconhecimento do potencial transformador estudantil capaz de questionar paradigmas, normas, regras, tornando possível a discussão, evidência da diversidade sexual na escola e no mundo do trabalho, visto que a maioria LGBTQI+ não goza de posições privilegiadas nos empregos, pois, no Brasil, “[...] é comum que pessoas trans sejam alijadas do mercado de trabalho, excluídas do espaço escolar desde as séries iniciais e expulsas de casa ainda na infância [...]” (NOGUEIRA, 2017, p. 04).

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2016: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais.** Curitiba: ABGLT, 2016.

BENEVIDES, B. G., NOGUEIRA, S. N. B. (Org.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019.** São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOUTIN, A. C. B. D.; FLACH, S. F. **Emancipação humana, emancipação política e grêmio estudantil:** alguns apontamentos. Educação, cultura e sociedade, Sinop, v. 5, n. 2, p. 136-147, jul./dez. 2015.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminino e subversão da identidade.** 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CABRAL, E. A. Brasil: o país que mais mata pessoas travestis e transexuais no mundo. In: NOGUEIRA, S. N. B.; AQUINO, T. C.; CABRAL, E. A. (Orgs.). **Dossiê: a geografia dos corpos das pessoas trans.** Brasil: Rede Trans-Brasil, 2017. p. 47-69.

CARRARA, S. **Educação, diferenças, diversidade e desigualdade.** In: BRASIL. Secretaria de Políticas para mulheres. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e Relações Étnico-Raciais. Rio de Janeiro: CPESC; Brasília: SPM, 2009. p. 13-16.

COUTO JUNIOR, D. R. **Aí que acaba meu mar de rosas e começa o meu calvário: gênero, sexualidade e o aprendizado com a diferença.** Periferia, Duque de Caxias, v. 9, n. 2, p. 59-79, jul./dez 2017.

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Proposta Curricular.** Revista da ETRN, Natal, ano 11, n. 9, jan. 1995.

FRANÇA, R.; SILVA JUNIOR, J. C.; ARAÚJO, M. C. C. **Transcendendo territórios: a geografia da violência sobre a população LGBTQI do estado do Rio Grande do Norte (Brasil).** In: ALBANO, G. P.; ALVES, L. S. F.; ALVES, A. M. (Orgs). Capítulos de Geografia do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros/RN: REDE-TER, 2020. V. 3. p. 133-165.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade.** 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. V. 1.

GOHN, M. G. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social.** Revista Meta/Avaliação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DO RIO GRANDE DO NORTE. **Organização didática do IFRN.** Natal: IFRN, 2012a.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Político-Pedagógico do IFRN: uma construção coletiva.** Natal: IFRN, 2012b.

IFRN MOSSORÓ REALIZA A SEMANA ARCO-ÍRIS. *Jornal TCM.* Mossoró: TCM 10 HD, 26 de julho de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fNhSgGC-Zvo_. Acesso em: 10 abr. 2018a.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 13-52.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **Pedagogias da sexualidade.** In: LOURO, G. L. (Org). O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 9-33.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho.** Ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MELO, K. M. T.; SOUZA, F. C. S.; PONTES, V. M. A. **Heteronormatividade e ensino na educação básica: um estado do conhecimento.** *Revista Inter Ação, Goiânia*, v. 43, n. 3, p. 648–665, 2019.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina.** São Paulo: Moderna, 1999.

NOGUEIRA, S. N. B. Introdução. In: NOGUEIRA, S. N. B.; AQUINO, T. A.; CABRAL, E. A. (Orgs.). **Dossiê: a geografia dos corpos das pessoas trans.** Aracajú: Rede Trans-Brasil, 2017. p. 4-5.

PINO, A. M. O. **Diversidade sexual e educação:** uma relação de desafios e Possibilidades. Natal: IFRN, 2017.

QUEIROZ, K. S. **A Unidade de Ensino Descentralizada da ETEFRN em Mossoró/RN: contextualização histórica e práticas de formação.** 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SEMANA ARCO-ÍRIS. **Bom dia Mossoró.** Mossoró: TCM 10 HD, 26 de julho de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w462_36m7BE_. Acesso em: 20 jul. 2018.

SILVA, T. T. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, T. T. (Org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 49-69.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade.** Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2016.

TIBURI, M. **A democracia de gênero que queremos.** In: SADER, A. (Org.). O Brasil que queremos. Rio de Janeiro: UERJ, LLP, 2016. p. 217-228.

VALENÇA, C. R.; CARVALHO, K. L. **Gênero, sexualidade e protagonismo juvenil:** relato de uma experiência no CEFET-RJ. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, Natal, v. 1, n. 20, p. 1-12 e10516, jun. 2021.

VEREADORES de Apodi, RN, **aprovam lei que proíbe discutir ‘ideologia de gênero’ em ambiente escolar.** *Rede News 360*, 01 dez. 2017. Disponível em: <http://redenews360.com.br/2017/12/vereadores-de-apodi-rn-aprovam-lei-que-proibe-discutir-ideologia-de-genero-em-ambiente-escolar>. Acesso em: 10 jan. 2018.

Recebido em 05 de julho de 2021.
Aceito em 28 de julho de 2021.